



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PERNAMBUCO CENTRO ACADÊMICO DO
AGRESTE NÚCLEO DE DESIGN E
COMUNICAÇÃO CURSO DE COMUNICAÇÃO
SOCIAL**

TARCÍSIO FELICIANO DE ARAÚJO NETO

DOCUMENTÁRIO “POR TODA A ETERNIDADE E MAIS UM DIA: LUZILÁ”

Caruaru

2024

TARCÍSIO FELICIANO DE ARAÚJO NETO

DOCUMENTÁRIO “POR TODA A ETERNIDADE E MAIS UM DIA: LUZILÁ”

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social.

Orientador: Eduardo Cesar Maia

Caruaru

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Feliciano Neto, Tarcísio.

Documentário Por toda a eternidade e mais um dia: Luzilá / Tarcísio
Feliciano Neto. - Caruaru, 2024.

21 min

Orientador(a): Eduardo Cesar Maia

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Comunicação Social, 2024.

1. Luzilá Gonçalves Ferreira. 2. Documentário. 3. Talking Head. 4.
Sentido da vida. I. Maia, Eduardo Cesar. (Orientação). II. Título.

070 CDD (22.ed.)

“Só me interessam os passos que tive de dar na
vida para chegar a mim mesmo. Deixo
resplandecer na distância todos os pontos de
repouso, ilhas encantadas e paraísos, cujo
sortilégio provei e aos quais não desejo voltar”.
– Hermann Hesse

RESUMO

O filme produzido para este Trabalho de Conclusão de Curso é um piloto – um experimento inicial – de um projeto maior e mais vagaroso sobre a escritora pernambucana Luzilá Gonçalves Ferreira. O documentário, que adota a estética de um *talking head*, explora aspectos universais da experiência humana. Na narrativa da personagem Luzilá, encontramos uma sensibilidade que parece um tanto ausente em nossa forma atual de viver a vida, sobretudo nas gerações nativas digitais. Neste Relatório de Fundamentação, dialogamos com autores como Contardo Calligaris, Fernando Pessoa, Sérgio Puccini, Nuccio Ordine e Hermann Hesse, que nos ajudam a refletir sobre o projeto de prática profissional proposto. .

Palavras-Chave: Luzilá Gonçalves Ferreira; Documentário; Talking Head; Sentido da vida.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 OBJETIVOS	8
2.1 Objetivo geral	8
2.2 Objetivos específicos	9
3 JUSTIFICATIVA	9
4 METODOLOGIA	10
5 ANÁLISE CRÍTICA	12
6 CONCLUSÃO	16
REFERÊNCIAS	17

1 INTRODUÇÃO

Este documentário surgiu do encontro entre meus interesses pessoais e intelectuais no último ano e a escritora pernambucana Luzilá Gonçalves Ferreira, uma das escritoras e intelectuais mais importantes da história do nosso estado. Ela, que é imortal da Academia Pernambucana de Letras, é autora e coautora de mais de 30 livros de gêneros diversos. Professora aposentada da Universidade Federal de Pernambuco, Luzilá concluiu o seu doutorado na França, na Université de Paris. Em sua trajetória, recebeu prêmios importantes, como o Prêmio Joaquim Nabuco da Academia Brasileira de Letras e o Prêmio Nestlé de Literatura, além de ter sido finalista no Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira em 2002 (LOPES, 2023).

Mas essa não foi a razão maior para que despertasse em mim o interesse de gravar um documentário com ela. Luzilá me cativou por meio da sua sensibilidade extraordinária. Essa escritora garanhuense conquista a simpatia do ouvinte pelas palavras, pela lucidez, pela razoabilidade, pela sofisticação, pelo bom humor e pela capacidade de autoironia. Ouvi de algumas pessoas que viram o filme que conversar com Luzilá deve ser muito bom.

Ela desperta em quem a ouve um impulso de amizade. Ela desarma o ouvinte e cativa a sua confiança. Para sensibilizar novas gerações, é preciso tocá-las antes. E é essa potência que vejo em Luzilá como personagem do meu filme. Alguém capaz de provocar sutilmente, de fazer pensar, de alargar o campo de visão. É como um manifesto em favor de uma outra forma de gastar o nosso tempo, em favor de valores talvez um pouco esquecidos ou pouco compatíveis com o ritmo de vida ditado pelas sociedades altamente tecnologizadas e complexas.

Esse manifesto via Luzilá vai na direção do que Calligaris pensa: “O problema do prazer estético é sempre, antes de mais nada, um problema de atenção, e um mundo de prazeres é uma promessa que se realiza só para quem sabe prestar atenção (CALLIGARIS, 2023, p. 116). A nossa personagem pode servir de referência, acredito, desse ser hedonista de Calligaris (um termo a ser melhor explorado na análise crítica deste trabalho). Ele completa: “Uma cultura distraída nunca será uma cultura hedonista, porque, simplesmente, nunca será uma cultura disposta a fruir a vida com uma intensidade que valha a pena (CALLIGARIS, 2023, p. 116)”.

Com este filme, pretendemos contar com a potência retórica de Luzilá para

sensibilizar o outro em relação a uma atenção à vida que nos permita desfrutar intensamente do seu prazer estético latente. A potência de prazer estético está aí. Como diz Luzilá, os passarinhos estão aí, exuberantes, desfilando com a sua beleza. O nosso entorno está dado. Resta-nos, pois, ter olhos para vê-lo. E é essa a intenção maior do projeto a ser detalhado nos capítulos a seguir.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

O objetivo geral do filme é contribuir para a preservação histórica de Luzilá, escritora e intelectual das mais importantes do estado de Pernambuco, e ajudar a ampliar a circulação de sua produção intelectual.

Desenvolvi este filme com a finalidade de documentar a inteligência da escritora pernambucana Luzilá Gonçalves Ferreira em funcionamento. Quis registrar a sensibilidade particular da autora quando fala sobre a vida, sobre o mundo, sobre si mesma e sobre questões universais da experiência humana.

A minha intenção, portanto, foi a de possibilitar a projeção de uma história *possível*, sem compromisso algum com a pretensão de verdade ou com a coerência. Em outras palavras, a ideia de correspondência a uma verdade suposta não foi uma preocupação minha ao provocar a narrativa de Luzilá. Importa – então, acima de tudo – o discurso final e sua potência de tocar o espectador.

Como documentarista, eu gostaria de poder ser um etnógrafo. Nesse sentido, chego quase a cair em contradição em relação ao tópico anterior. Explico: ao documentar, eu procuro me aprofundar em acontecimentos espontâneos, causando o mínimo possível de interferência – no caso de Luzilá, no discurso dela. Para mim, o ponto ideal é quando consigo registrar respostas que são sinceras naquele momento, que são espontâneas. O meu método é o de tentar provocar tamanho relaxamento e conforto no entrevistado a ponto de conseguir dele a sua versão mais verdadeira naquele momento.

E aqui cabe uma pequena digressão para explicar rapidamente a origem desse meu ideal, que surgiu quando cursei a disciplina de produção audiovisual com a professora Amanda Mansur (que é professora do nosso curso, vale dizer). Ao falar sobre o cineasta brasileiro Eduardo Coutinho, Amanda – com muito entusiasmo e admiração – falou em algum momento sobre a perícia de Coutinho ao fazer com que seus interrogados se sentissem confortáveis.

Uma das técnicas que a professora Amanda levou para as discussões em sala de aula foi a de fingir por um momento para o entrevistado que a câmera estava sendo desligada. Mas aí é que está: a fala genuína e não monitorada do entrevistado – agora relaxado – começava justo nesse momento. Então eu sempre

quis causar esse estado sem precisar fingir que estava desligando a câmera. Acho que eu poderia dizer que meu ideal é fazer o entrevistado esquecer que está conversando para um filme.

Voltando ao que falávamos há pouco: pode parecer contraditório quando digo que não busco compromisso com a verdade enquanto espero a verdade de quem fala, mas não é. O que me interessa menos é que o conteúdo da entrevista corresponda rigorosamente a uma suposta verdade na vida concreta de quem fala. Por isso, eu vou à procura de pequenas verdades, de verdades pontuais (como a verdade breve de uma fotografia) e de falas não monitoradas – ou seja: espontâneas, genuínas. E ainda que não sejam, que pareçam ser, então. Isso me faz pensar que talvez o que me toque mesmo seja o aspecto final da narrativa, a sua verossimilhança (valor tão caro à arte).

Tendo isso como meu fundamento máximo, ao pensar no filme não estive interessado em fatos e informações em si mesmas (um roteiro lógico de fatos encadeados e cronológicos), mas sim nas reflexões e no poético aparente (no sentido de visível) em Luzilá. Ainda que as turbinas da sua memória estejam um pouco menos potentes que antes e possam causar algum engano factual (o que provavelmente ocorrerá), o sumo humano estará lá. E foi isso que procurei fazer: extrair alguma beleza de Luzilá.

2.2 Objetivos específicos

- Disponibilizar o documentário sobre Luzilá num acervo digital (um museu digital) criado para a escritora.
- Realizar exposições públicas do produto final.
- Promover debates e palestras sobre Luzilá a partir do documentário.
- Educar e sensibilizar novas gerações a respeito da obra de Luzilá, levando um projeto de divulgação do filme para escolas do Recife e de Garanhuns — cidade onde viveu a maior parte de sua vida e a sua cidade natal, respectivamente.
- Estimular a produção de conteúdo digital entre os intelectuais idosos.

3 JUSTIFICATIVA

A vida em sociedade tem passado por mudanças muito intensas e rápidas. Ao comentar o abismo cultural e tecnológico entre os idosos e os jovens de hoje, o filósofo francês Michel Serres reflete em seu livro "Polegarzinha": "Ao mesmo tempo em que essas técnicas se transformam, o corpo se metamorfoseia, o nascimento e a morte mudam, assim como o sofrimento e a cura, as profissões, o espaço, os habitats, o ser no mundo (SERRES, 2013, p. 28-29)". Essa é uma das razões pelas quais acho que ouvir os nossos mais velhos, sobretudo os mais sábios, é muito importante.

Luzilá é uma testemunha sofisticada de uma outra forma de viver a vida. E isso representa uma oportunidade muito interessante para as gerações mais jovens: poder ouvir alguém muito distante tecnologicamente e culturalmente falando sobre questões fundamentais da existência humana. De forma bem-humorada, descontraída, leve, inteligente e doce.

Por isso, mais que a intelectual: interessa-me a mulher, o humano, a pessoa. Ou seja, em Luzilá eu procuro o testemunho e a sensibilidade que a caracteriza. Por outro lado, a grife que tem o nome de Luzilá ajuda a legitimar todo o trabalho, já que não se trata de uma pessoa anônima, mas de uma figura pública respeitada pela elite cultural do Recife.

E é em razão disso que Luzilá se justifica como objeto de interesse do documentário. O trabalho pode interessar a mim, como provocador e criador, à geração "Polegarzinha" de Michel Serres (em alusão ao polegar sempre posicionado nas telas dos telefones) e à cultura pernambucana de modo geral, como um registro histórico de uma imortal da Academia Pernambucana de Letras e professora aposentada da Universidade Federal de Pernambuco — sobre quem, a propósito, já se fez mais de uma tese de doutoramento, dissertações de mestrado e muitas pesquisas acadêmicas.

4 METODOLOGIA

O início do documentário foi completamente acidental. Fui à casa de Luzilá para gravar uma entrevista sobre a Academia Pernambucana de Letras. No entanto, deparei — ali — com uma inteligência de ordem nada ordinária. E, nessa ocasião, de forma imprevista, Luzilá deixou vazar algumas pérolas. Isso despertou a minha atenção e o meu interesse imediatamente. Ali, espontaneamente, o documentário já

estava em curso, já estava sendo filmado (e trechos desse primeiro momento estão presentes no produto final).

Falando sobre os métodos de pré-produção documental, Sérgio Puccini atribui grande importância ao impensado, ao incalculado: “Trata-se de um gênero em que o imprevisto pode desempenhar papel tão importante quanto aquilo que é cuidadosamente planejado (PUCCINI, 2012, p. 17)”. Só depois de estar diante do que não planejei, pude então organizar e pensar melhor sobre o filme que eu queria fazer.

Em outro momento, Puccini (2012) cita Alan Rosenthal para lembrar o leitor de que um dos papéis do documentário é ajudar a contar histórias reais excepcionais. E eu sabia que era isso que eu queria fazer. Lançando mão, portanto, da “exploração do recurso da entrevista como principal ponto de sustentação da estrutura discursiva do filme (PUCCINI, 2012, p. 42)”.

Até mais que “principal”, porque — como bem nos lembra Puccini (2012) — há os *talking heads*, que são documentários desenvolvidos apenas com a organização de narrativas conseguidas por meio de entrevistas. Nesse modelo documental, o objetivo é construir personagens fora de ação, apenas expondo oralmente a sua narrativa de ações ou comentários (PUCCINI, 2012).

Em outras palavras, eu estava disposto a gravar um filme *talking head* muito influenciado pelo método do cineasta brasileiro Eduardo Coutinho, que fez seus filmes a partir da sua relação com a pessoa entrevistada (PUCCINI, 2012). Daí decorre que as minhas opções estéticas não podiam “reservar grandes surpresas” em relação ao enquadramento da câmera, já que as entrevistas normalmente “ficam restritas às composições em plano médio, primeiro plano e close-up, podendo eventualmente o entrevistado ser mostrado de corpo inteiro (PUCCINI, 2012, p. 67)”.

Do ponto de vista técnico, eu sabia que o meu filme seria muito simples. E não sei se eu diria que é exatamente uma decisão puramente estética, já que isso envolve também a limitação profunda de recursos de que disponho para fazer um trabalho muito mais elaborado. Muito provavelmente eu faria de outra forma se tivesse os meios para isso.

Em Puccini (2012), encontro outra vez paralelos entre o meu estilo de documentar e o de Eduardo Coutinho (sem jamais querer fazer parecer que eu sou comparável a Coutinho, claro):

Os procedimentos adotados por Eduardo Coutinho para a filmagem e montagem de entrevistas subvertem, em alguns momentos, muitos dos conselhos que encontramos nos manuais de produção de documentários. Na edição de seus filmes, Coutinho opta por valorizar a situação de filmagem da entrevista, o que faz com que recuse o uso de qualquer imagem que sirva de insert para cobrir cortes descontínuos ou mesmo para ilustrar visualmente alguma referência citada na conversa (PUCCINI, 2012, p. 71).

São essas as perspectivas que norteiam a minha produção documental neste filme com Luzilá, gravado em três idas à casa da escritora. A primeira delas, como já disse, foi quase accidental — em relação ao filme; na segunda, expus a Luzilá a minha intenção com aquela proposta de filme sobre a mesa: captar a sua inteligência acontecendo diante de mim, a sua sensibilidade mais espontânea; no terceiro dia, fechamos o ciclo das gravações para essa primeira versão do filme.

Nas três ocasiões, eu fui sozinho para a casa de Luzilá, com o meu equipamento. Enquanto montava meu equipamento, ficávamos conversando. Com a câmera ligada, não sentia Luzilá mudar. Talvez eu mudasse mais que ela, que seguia natural, leve, bem-humorada, despreocupada. Assim, saíamos de uma conversa sem registro para uma conversa com registro. O tom foi esse.

Um ponto a se destacar é que eu considero esse trabalho um experimento inicial. Um piloto do documentário que eu quero continuar produzindo sem o prazo estreito da universidade. Será, portanto, um trabalho ainda mais livre, a ser melhor pensado depois, em outro ritmo.

5 ANÁLISE CRÍTICA

Tomando de empréstimo uma frase de Eliane Zagury em seu livro “A escrita do eu” (1982), dando a ela um outro sentido, anuncio a razão do despertar do meu interesse em filmar Luzilá: “Interessa-nos o indivíduo que se volta de preferência para si mesmo, embora, é claro, não se furte a testemunhar o comércio do seu eu com o mundo circundante que a vida lhe apresentou (ZAGURY, 1982, p. 15)”. Ou seja, Luzilá é alguém que pode narrar a si própria sem perder de vista a sua relação com a sua circunstância. Além de ter a vantagem de ser uma mulher velha, sobretudo no sentido que Jorge Luis Borges emprega em seu poema “Elogio da sombra”:

pode ser o tempo de nossa felicidade.
O animal está morto ou quase morto.
Restam o homem e sua alma (BORGES, 2009, p. 77).

Tenho a impressão de ser justamente isso que noto em Luzilá, uma magia própria de quem parece ter mais alma — posição de vantagem na busca pela valorização da vida por meio de uma via concreta, de acordo com a interpretação adotada por Contardo Calligaris sobre a valorização da vida humana em “O sentido da vida” (2023). Ao elogiar o trabalho psicoterapêutico, Calligaris diz que: “a terapia acaba sendo um trabalho quase estético, um trabalho de recriação narrativa de uma vida, que dá atenção a uma vida de tal forma que ela se valoriza (CALLIGARIS, 2023, p. 71). Para o autor, é justo esse caminho que pode nos levar ao sentido da vida.

Esse aspecto fica muito evidente em Luzilá, que parece partilhar essa visão de sentido da existência com Calligaris. Em um dado momento, ao falar sobre o desejo de viver eternamente (mas na Terra, não pós-morte), ela me diz o que faria a vida ter sentido em todos os dias da eternidade desejada: “ler, conversar com amigos e tomar banho de mar”. Claro que a lista não ficaria por aí se ela fosse dar mais tempo à resposta, mas fica claro o valor e a beleza que ela enxerga no trivial.

Isso parece estar diretamente conectado ao que Calligaris pensa quando diz que “quem precisa viver algo extraordinário, geralmente, perdeu o encanto do trivial e do cotidiano, ou seja, atravessa a vida como uma história entediante (CALLIGARIS, 2023, p. 119). O que faz Luzilá querer abraçar a vida “por toda a eternidade e mais um dia” (citação de memória que ela mesma faz de alguém que me escapa agora) são justamente coisas cotidianas, simples, como admirar os passarinhos, colocar banana para alimentá-los todos os dias e desfrutar da companhia de Bob (o seu cachorro vira-lata), por exemplo.

O prazer de Luzilá em estar viva é muito bem descrito por Calligaris, quando diz: “Fruir da vida só é possível para quem não se distrai; para quem, ao contrário, mantém um esforço constante de atenção à vida. O esforço, obviamente, não garante que a vida nos reserve só coisas boas, mas a primeira coisa boa é a própria atenção às coisas da vida (CALLIGARIS, 2023, p. 118)”. Talvez esse seja o maior ensinamento que Luzilá nos deixa nesse depoimento. É um lembrete para as gerações nativas digitais, desatentas, que certamente terão uma imensa dificuldade de parar para ver a beleza daquilo aparentemente banal que nos ocorre todos os dias. A lógica dos algoritmos e dessa vida digital é outra: tudo precisa ser excepcional, chocante, despertar emoções e reações fortes, absurdo, incomum, etc. Aos poucos, estaremos todos habituados a essa forma de viver.

Por isso, sou levado a acreditar no valor histórico que os depoimentos dos nossos idosos podem ter nas próximas décadas — porque certamente mais atentos

que nós e os nativos digitais. Calligaris nos alerta:

A distração é perigosa: à força de caminhar com o nariz enfiado na tela, podemos cair, sei lá, num bueiro. Mas talvez mais graves sejam as consequência menos concretas: com nossa atenção na tela, podemos sobretudo avançar numa vida cada vez menos interessante, uma vida que valeria cada vez menos a pena (CALLIGARIS, 2023, p. 117).

E é aqui que entram Fernando Pessoa e Contardo Calligaris juntos. Calligaris defende uma nova concepção para o termo “hedonismo”: “O hedonismo, a procura do prazer, pede um esforço contínuo de atenção ao mundo e um aprendizado sem fim (CALLIGARIS, 2023, p.112). Ele diz que “o hedonismo é um projeto de dedicação e atenção ao mundo, exatamente como o projeto de contemplar e apreciar uma obra de arte é um projeto de dedicação e de atenção à obra (CALLIGARIS, 2023, p. 113)”. Então seria um hedonismo como antídoto à desatenção ao mundo, contra o tédio, contra a desvalorização da vida em sua simplicidade.

E é desse projeto hedonista que vejo Luzilá sendo representante, sendo exemplo. Aqui, dou vez a Fernando Pessoa: “Não sabendo o que é a vida religiosa, nem podendo sabê-lo, porque se não tem fé com a razão; não podendo ter fé na abstração do homem, nem sabendo mesmo o que fazer dela perante nós, ficava-nos, como motivo de ter alma, a contemplação estética da vida (PESSOA, 2023, p. 41)” .

Luzilá, a velha de Jorge Luis Borges, que tem mais alma, encontra a sua felicidade e o sentido da sua vida justamente no fazer-se via contemplação estética da vida. Ou seja, é a hedonista de Calligaris, que se faz e frui da vida pela atenção que dá à vida e suas minúcias. Em um certo momento, Fernando Pessoa diz: “Sento-me à porta e embebo meus olhos e ouvidos nas cores e nos sons da paisagem, e canto lento, para mim só, vagos cantos que componho enquanto espero (PESSOA, 2023, p. 43)”. É assim também que vejo Luzilá acrescentando uma pedrinha à construção do mundo, usando palavras dela mesma em nossa conversa.

Encontro outro aspecto importante a se mencionar nesses cantos lentos de Luzilá neste trecho de Roland Barthes: “O texto que o senhor escreve tem de me dar prova de que ele me deseja. Essa prova existe: é a escritura. A escritura é isto: a ciência das fruições da linguagem, seu *kama-sutra* (BARTHES, 2015, p. 11)”. Era muito claro o quanto a sua narrativa desejava ser ouvida, ser cantada.

A contribuição de Luzilá aqui (mas não só aqui) tem um objetivo muito próximo do que Fernando Pessoa diz neste trecho: “Se o que deixar escrito no livro dos viajantes puder, relido um dia por outros, entretê-los também na passagem, será bem. Se não o lerem, nem se entretiveram, será bem também (PESSOA, 2023, p. 43)”. Ela disse uma coisa muito parecida sobre sua obra em um trecho deixado de lado por mim durante a edição do documentário.

Se de alguma forma a sua sensibilidade tocar alguém agora, nas próximas décadas ou daqui a centenas de anos, acredito que terá sido útil no sentido que o Nuccio Ordine aplica: “Considero útil tudo o que nos ajuda a nos tornarmos melhores (ORDINE, 2016, p. 9)”. Um impulso na direção de um caminho que Hermann Hesse considera inevitável: “A vida de todo ser humano é um caminho em direção a si mesmo, a tentativa de um caminho, o seguir de um simples rastro (HESSE, 2023, p.10)”. Talvez essa ideia de utilidade não seja das mais convencionais, porque não segue a lógica habitual da ideia de utilidade. Voltemos ao Ordine, então:

A literatura (mas o mesmo discurso também poderia valer para os outros saberes humanísticos e para aqueles saberes científicos livres de um imediato objetivo utilitarista) pode, em vez disso, assumir uma função fundamental, importantíssima: exatamente por ser imune a qualquer aspiração a lucros, poderia colocar-se, por si mesma, como forma de resistência aos egoísmos do presente, como antídoto à barbárie da utilidade, que chega mesmo a corromper as nossas relações sociais e os nossos afetos mais profundos (ORDINE, 2016, p. 33).

O documentário produzido para este Trabalho de Conclusão de Curso pode ser, portanto, “um ato gratuito, sem uma finalidade precisa, e capaz de escapar de toda lógica comercial (ORDINE, 2016, p. 37)”. De modo que talvez seja entendido como um produto “inútil, portanto, porque não pode ser monetizado. Mas necessário para expressar com a sua própria existência um valor alternativo à supremacia das leis do mercado e do lucro (ORDINE, 2016, p.37)”.

Com isso, chegamos à definição do valor de utilidade que eu percebo nessa outra lógica de valores da vida, nesse mercado paralelo. A moeda-maior da nossa jornada aqui está presente neste trecho de Calligaris, quando ele diz que: “A questão do sentido da vida é simples: o sentido da vida é a própria vida concreta. A que vivemos e da qual faz parte também morrer (CALLIGARIS, 2023, p. 141)”. E é nesse ponto que acho que Luzilá consegue chegar quando invade o ouvinte pelas portas dos olhos e ouvidos que se embebem nas cores e nos sons da paisagem que é Luzilá, sua casa, seu cachorro e o espetáculo da sua sensibilidade e graça.

O nosso filme é um filme simples, em muitos sentidos e por diversas razões, e é claro que não se encaixa na definição mais comum para a palavra filme. Mas, por menor que seja, é um pequeno impulso na direção desses valores que alguns podem ver como mais entediantes. Compartilho da visão de Calligaris ao dizer que: “A vida é a obra de arte de cada um, a mais importante, a mais valiosa e talvez também a única. A experiência da vida é uma experiência criativa de uma obra de arte (CALLIGARIS, 2023, p. 127)”. Assim mesmo, de olhos abertos para a beleza da simplicidade.

6 CONCLUSÃO

Depois de ter refletido e pensado com um pouco mais de tempo sobre este projeto de prática profissional desenvolvido para este TCC, sinto-o um pontapé inicial. Um projeto que apenas começou. Acho que a razão do projeto está clara e que as características do produto estão dadas, falta apenas o que esta atividade não poderia me proporcionar: um outro tempo, o tempo do mundo e da vida. Pretendo, portanto, dar sequência à gravação deste documentário com Luzilá.

Este Relatório de Fundamentação me deu a oportunidade de refletir melhor sobre o projeto, assim como a defesa do trabalho e as respostas e provocações que terei após a exibição deste piloto também me ajudarão a melhorar o produto final. Como já dito, meu trabalho teve limitações de tempo, força de trabalho (porque é um filme de um homem só), recursos, equipamentos, entre outras coisas. Mas o vejo como um início interessante de uma ideia a ser refinada.

Em razão do filme e da vida, desenvolvi uma relação de amizade e proximidade com Luzilá que vejo como positivas. Com a sua confiança plena, acho que as portas para um documentário ainda melhor estão abertas. A oportunidade está logo ali.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015. (Elos; 2).

BORGES, Jorge Luis. **Poesia**. Tradução: Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CALLIGARIS, Contardo. **O sentido da vida**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

HESSE, Hermann. **Demian**. Tradução e posfácio de Ivo Barroso. 61ª ed. Edição inteiramente revista comemorativa do cinquentenário de lançamento da obra no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2023.

LOPES, Maria Suely de Oliveira. **A escrita de Luzilá Gonçalves Ferreira**: um estudo de metaficção historiográfica. 2013. 169 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil**: um manifesto. Tradução: Luiz Carlos Bombassaro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**: Composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Organização: Richard Zenith. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário**: Da pré-produção à pós-produção. 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Coleção Campo Imagético).

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Tradução: Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

ZAGURY, Eliane. **A escrita do eu**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1982.